



A História Oral como ferramenta para o estudo de vida, o caso Maria de Lourdes

Oral History as a tool for the study of life, the Maria de Lourdes case

Camilo Gustavo Xavier Costa¹; Jorge Douglas Vieira Cabral Souza²

¹Mestrando Profissional em Ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Bolsista CAPES (cgxc@hotmail.com)

²Mestrando Profissional em Ensino de História (Profhistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe (jorgemuribeca@hotmail.com).

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Este trabalho objetiva relatar a nossa experiência com História Oral, desenvolvida na disciplina Tópico Especial em Ensino de História do programa de Mestrado Prof.História da UFS. Tal experiência teve como ponto culminante uma pesquisa praticada no Assentamento Florestan Fernandes, localizado em Canindé de São Francisco-SE, para tanto fizemos uso da Metodologia da História Oral, a qual oferece inúmeras possibilidades, dentre elas a de dar voz aos “pequenos homens”, de forma que a partir das suas experiências e visões de mundo, possamos ter uma compreensão extraoficial sobre os mais variados eventos. Vale aqui destacar a importância da nossa entrevistada, a senhora Maria de Lourdes, cujo rico testemunho muito contribuiu para a elucidação de questões diversas. Vale destacar que o artigo teve como conceitos norteadores a já mencionada História Oral, bem como Memória, Identidade social e Lugares de Memória.

PALAVRAS-CHAVE: Memória e Identidade. Entrevistas. Assentamento.

ABSTRACT: This work aims to report our experience with Oral History, developed in the Special Topic Course in History Teaching of the Master's program Prof.História at UFS. This experience had as its culminating point a research practiced in the Florestan Fernandes Settlement, located in Canindé de São Francisco-SE, for that purpose we made use of the Oral History Methodology, which offers innumerable possibilities, among them the one of giving voice to “little men”, so that from their experiences and worldviews, we can have an unofficial understanding of the most varied events. It is worth highlighting the importance of our interviewee, Mrs. Maria de Lourdes, whose rich testimony contributed a lot to the elucidation of different issues. It is worth noting that the article had as its guiding concepts the aforementioned Oral History, as well as Memory, Social Identity and Places of Memory.

KEYWORDS: Memory and Identity. Interviews. Settlement.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi estruturado com base na metodologia da História Oral, sendo por nós entrevistada a senhora Maria de Lourdes, coordenadora de exposição do MAX (Museu Arqueológico de Xingó), instituição pertencente a Universidade Federal de Sergipe e que desempenha um importante trabalho no sertão sergipano, especificamente em Canindé do São Francisco e alhures. Nossa entrevistada desenvolve atividades junto ao Assentamento Florestan Fernandes, o qual será aqui também analisado, trata-se de uma comunidade de trabalhadores sem-terra localizada na mesma região.

Alguns leitores podem questionar um artigo estruturado a partir de uma entrevista feita com uma só pessoa, tendo como pano de fundo um assentamento rural. Porém sabemos que a história oral é construída em torno de indivíduos, ela lança a vida para dentro da própria história, como dizia Paul Thompson, ela admite heróis vindos da maioria desconhecida do povo. A história da senhora Maria de Lourdes, assim como a dos sertanejos do Florestan e a de muitas de nós, é muito rica e um tanto quanto heroica, sobre ela iremos nos debruçar nas páginas seguintes.

Contudo antes do estudo de caso proposto, teremos um pouco de teoria, nosso objetivo é apresentar ao leitor nossos referenciais. Analisaremos Paul Thompson, Pollak e Nora, deles trabalharemos respectivamente as ideias de História Oral e os conceitos de Memória, Identidade e Lugar de Memória. Aproveitamos também a seguir, para discorrer a respeito do Sertão Sergipano, do Assentamento e das questões ligadas a Geografia da região.

TEORIA E MEIO

A História Oral, nos oferece uma série de possibilidades, em sua defesa como fonte historiográfica, Paul Thompson expõe que ela pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, revelando assim novos campos de investigação, derrubando barreiras e podendo devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental. (THOMPSON, 1992, P.22)

Um outro consagrado pensador e por nós invocado é Michael Pollak, este destaca no clássico Memória e Identidade Social o problema da subjetividade e das fontes, as quais para ele

não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral, destacando assim que a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita, o quão criticáveis são, assegura que a história oral é uma possibilidade de introduzir uma escrita literária da história e conclui dizendo que esta permite fazer uma história do tempo presente (POLLAK, 1992, p.9)

Por ora e para além da História Oral, mas a título de complementação desta, tencionando dar corpo acadêmico ao nosso trabalho, porém não objetivando exaurir a discussão, assim como oferecer subsídios teóricos ao amigo leitor, analisaremos nos parágrafos seguintes alguns conceitos discutidos por pensadores como Michael Pollak e Pierre Nora, os referidos conceitos são: Memória, Identidade social e lugares de Memória.

No aclamado trabalho Memória e Identidade Social, o sociólogo francês Pollak conceitua Memória como “um fenômeno individual algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. (POLLAK, 1992, p.2) Compartilhando a ideia de Maurice Halbwachs e a título de complemento, “memória deve ser entendida também, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (HALBWACHS, apud POLLAK, 1992, p.2)

Caracterizando Memória, Pollak afirma que tanto a individual, quanto a coletiva possuem marcos ou pontos imutáveis, sendo seus elementos constitutivos os acontecimentos vividos pessoalmente, os vividos por tabela, as pessoas, os personagens tanto encontrados no decorrer da vida quanto por tabela e os lugares de memória, ligados a lembranças pessoais, mas também cronológicos. (POLLAK, 1992, p.3) Pollak identifica a Memória como algo seletiva, alegando que nem tudo fica gravado ou registrado, ela sofre flutuações que são função do momento em que é articulada, é assim entendida como um “fenômeno construído social e individualmente”. (POLLAK, 1992, p.5) O teórico francês entende que além do trabalho de enquadramento da memória, há também o trabalho da própria em si, explicando tal entendimento o notável pensador diz que ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, contribuindo assim para a fidelização à memória antiga, de novos agrupamentos. (POLLAK, 1992, p.7)

Pollak vê uma ligação fenomenológica entre Memória e o sentimento de Identidade. Em seu trabalho, ideia por nós compartilhada, identidade é o sentido da imagem de si para os outros, isto é “ a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida

referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para a creditar na sua própria representação, mas também para ser percebida como quer ser percebida pelos outros”. (POLLAK,1992, p.5) Pollak conclui afirmando que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de identidade, de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si”. (POLLAK,1992, p.5)

Em *Entre Memória e História*, a problemática dos lugares, o historiador francês Pierre Nora, destaca que “a necessidade de memória é uma necessidade da história”. (NORA,1993, p.12) Com intenção de problematizar, o autor levanta uma questão valiosa e perene, para ele “na medida em que desaparece a memória tradicional, nós criamos dossiês afim de constituir provas para futuros tribunais de história”. (NORA,1993,p.15) Este é sem dúvidas algo ao nosso ver relevante, principalmente diante de antigas e novas ações de determinados setores da sociedade, que fazem uso da subjetividade da História e dos espaços de poder, a fim de construir narrativas ideológicas tendenciosas e dotadas de inverdades históricas, narrativas estas acerca de momentos ou personagens históricos, exemplo disso é a atual problemática da Ditadura civil-militar brasileira, um outro é a criminalização dos movimentos sociais, dentre eles o que é foco deste trabalho, referimo-nos aos assentamentos de trabalhadores rurais sem-terra.

A discussão sobre a importância dos Lugares de Memória de Nora faz-se imperiosa, segundo o admirável autor Lugar de Memória nada mais é do que um espaço que tem como “razão fundamental parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial” (NORA,1993, p.22) e que

Diferente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são eles mesmos, seu próprio referente, sinais que desenvolvem a si mesmos, sinais em estado puro(...) “O lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações. (NORA,1993, p.27)

Contudo, a partir do exposto pontuamos o assentamento Florestan Fernandes como exemplo de lugar de memória, pois este não nos permite esquecer a máxima de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, a de que “o sertanejo é antes de tudo um forte”.

Vale ressaltar que a entrevista, base desse trabalho, foi realizada numa tarde calorosa de sábado, em pleno verão do sertão nordestino, um verdadeiro braseiro¹, contudo nos sentimos por ele iluminados, nos localizávamos no assentamento Florestan Fernandes, em meio à zona rural do município sergipano de Canindé de São Francisco, tal assentamento e sua ligação com a nossa entrevistada Maria de Lourdes serão por nós mais tarde analisados. Neste momento veja um pouco do que nós vimos, sinta, um pouco do que sentimos no dito assentamento.

Figura 1. O Cair da tarde no Assentamento Florestan Fernandes



Fonte: acervo pessoal, 2019.

A título de exemplificação, lembramos da entrevistada Maria de Lourdes, esta nos testemunhou, não na entrevista que fizemos, mas em um momento em que conversávamos sobre questões outras, o fato de que os pais de família da comunidade Florestan Fernandes em períodos de seca, migram em busca de trabalho na área da

¹Vale destacar que a temperatura se apresentava, naquela tarde de verão, por volta de 43 graus, situação que exigia de nós uma atenção redobrada com a hidratação.

construção civil das grandes cidades, deixando suas esposas e filhos para cuidar da roça e dos animais, situação por nós testemunhada e comprovada. Na tarde que lá estive, não pudemos ver, nenhum pai de família, apenas identificamos mulheres de todas as idades, quanto a homens, pudemos ver apenas crianças, adolescentes e alguns poucos adultos, mas que não passavam das duas décadas de existência.

No entanto, além desse exemplo de luta e galhardia, o que insisto desmente ao nosso ver o discurso covarde e oportunista de alguns, pudemos perceber outros exemplos ao chegar à comunidade, guiados pelo Prof. Dr. Paulo Heimar, do departamento de Educação da UFS e professor do Mestrado Profissional em Ensino de História, programa da mesma universidade, o qual somos alunos, fomos para a sede do assentamento, ali uma funcionária do SEBRAE nos aguardava, acompanhada de uma liderança jovem da comunidade aqui chamada de José e de olhares curiosos e acolhedores de moradores presentes, foi-nos falado sobre os projetos conduzidos pelo SEBRAE junto ao assentamento, um deles nos chamou a atenção.

Diante da necessidade levantada de gerar renda local, foram estruturadas em cima das potencialidades naturais da região trilhas ecológicas e turísticas com atrativos interessantes, o que nos deixou fascinados e desejosos e nos aventurarmos pela espinhosa e encantadora caatinga. Junto a isso, moradoras aprenderam a confeccionar produtos com vistas a auferir divisas e assim contribuir para a renda familiar, sabão e sabonetes artesanais são exemplos disso, destaque para os de aroeira e ameixa, os quais emanavam agradáveis fragrâncias, cheiros de labuta e de batalha pela sobrevivência, numa terra onde tudo falta, inclusive água potável, está de acordo com os moradores, quase nunca chegava em suas torneiras e o pior, não muito longe dali, o belíssimo e caudaloso Rio São Francisco se faz presente.

Portanto após esse arcabouço teórico e de apresentar-lhes o Meio, é chegado o momento de analisar a Mulher, vamos à entrevista da senhora Maria de Lourdes, esta será feita à luz do Assentamento Florestan Fernandes, o intuito é através da metodologia da história oral, darmos vozes aos “pequenos homens” que assim como os “grandes homens” fazem história e são verdadeiramente agentes históricos, vamos leitor, conheçamos mais a nossa protagonista, assim como o palco, o Assentamento Florestan Fernandes, vejamos.

A FORTALEZA DE NOME MARIA DE LOURDES

A senhora Maria de Lourdes é natural de Estância-SE, nascida em um Bairro Operário, o Bonfim, alguns dos seus 5 irmãos, pai e parentes trabalharam em fábrica de tecidos, sua mãe era doméstica, enfrentaram muitas dificuldades, sua vida mostra o quanto o nordestino é batalhador, empreendedor, quando criança ocorrera um infortúnio, que a marcou e ajudou provavelmente a forjar seu caráter, seu pai se acidentaria e sua mãe, abriria um pequeno negócio para ajudar no sustento da família, Maria lembra o fato

então veja, é a minha infância, apesar de alguns problemas, né, as condições mais difíceis, meu pai teve uma época que se acidentou, passou um tempo sem receber, precisava da ajuda de outras pessoas, passou dois anos internado, mas minha mãe sempre foi batalhadora, minha mãe fez uma bodega na nossa casa a primeira casa que a gente, que ela ganhou o terreno né?

Porém ainda criança, a Maria já sonhava com um futuro diferente, a menina cresceu, sonhava em cursar turismo, porém na época tal graduação só tinha em uma universidade particular de Aracaju, ela não podia pagar o curso, resolveu acreditando que tinha ligação com seu sonho, prestar vestibular para Geografia na Universidade Federal de Sergipe, logrou êxito, formou-se com muita dificuldade e foi a primeira em toda sua família a graduar-se, orgulhosamente ela diz

então todos os filhos vieram e eu resolvi estudar, eu fui, eu sou, eu fui a primeira filha, de toda a geração de minha mãe, a ter o nível superior numa instituição pública. Sou formada em Geografia e sempre achei que o mundo poderia ser alcançado, não é?

Sim Maria de Lourdes, o mundo poderia ser alcançado e a senhora conseguiu, aos quatorze anos teve sua carteira assinada pela primeira vez, trabalhou numa mercearia de um parente, posteriormente numa loja de tecidos, estagiou no Banco do Nordeste e no setor de contabilidade de uma fábrica de biscoitos, guerreira, sonhadora, ainda jovem viajou para o Rio de Janeiro, queria realizar um sonho, ouvia a música de Gilberto Gil, “o Rio de Janeiro continua lindo”, a mesma queria testemunhar os encantos fluminenses, ela ficou maravilhada com a cidade, porém, sua identidade não era carioca, o sentimento de pertencimento pulsava e apontava mais ao norte, Estância, Sergipe, Nordeste, Brasil.

E assim, a minha relação com Estância é de paixão, sou bairrista, sou e acho que a gente tem que ser, quando a gente não se sente no lugar, a gente não tem identidade, as pessoas não nos respeitam e lhe digo assim, com muita, muita tristeza às vezes, mas com muita eu tomo como força, o fato de ser mulher, de ser do interior, ser negra então eu comentei isso ontem com um grupo, que nós nascemos para ser aquelas que varrem às casas dos brancos, ainda acontece isso no Brasil.

Assim como muitas mulheres negras brasileiras, interioranas e de família humilde, Maria sofreu preconceito, porém encontrou nas adversidades a força para superar-se, ela ainda especializaria-se em Turismo, viraria mestre em Geografia e fruto do trabalho desempenhado no museu arqueológico de Xingó se tornaria uma destacável arqueóloga.

Eu sou Maria de Lourdes, formada em Geografia, sou mestre em Geografia, sou arqueóloga, segundo Temer de fato e de direito agora, no ano passado terminei uma pós-graduação em Turismo, para entender o porquê que o turismo em Sergipe não funciona é tão amador e tamo na luta.

Quis o destino que a luta de Maria de Lourdes como profissional de educação, começasse na mesma escola que estudou em sua infância, a Escola do Comércio, trabalhou inicialmente com duas quintas séries e ao citar tal momento de sua vida, demonstrando uma paixão grandiosa pela Geografia e associando com o assentamento Florestan Fernandes ela expõe

E assim a Geografia me trouxe para uma realidade que eu não conhecia. Essa experiência que nós estamos tendo hoje, com o pessoal aqui do Florestan, faz eu lembrar justamente de tudo aquilo que pensei alcançar né? Foi então quando eu vi a música me levar para o Rio de Janeiro, a Geografia me permitiu fazê-lo, então Geografia me transformou numa profissional, eu diria que mais humana mais gente, então a Geografia me faz entender que não há tempo sem espaço, não há espaço sem tempo sem tempo, a geografia me fez entender que a paisagem ela não é feita só de uma árvore é feita de vários elementos, do calor, do solo, da chuva, dos seres humanos, não é? Nada está isolado, nem que seja um tempo, todo tempo tem uma paisagem, tem um contexto, tem uma relação, então a relação do bicho, que existe essa seca aqui em Canindé e por ser humano que resistem e comanda esses bichos, então acho que a Geografia eu sempre comento, não tem outro caminho melhor a seguir, que se não a geografia.

A ida de Maria de Lourdes para Canindé do São Francisco em Sergipe, decorreu de uma disciplina eletiva, Introdução a Pré-História, ministrada pela Prof. Verônica Nunes, ela queria conhecer a parte do Rio São Francisco mais ao norte de Sergipe. Não só a conheceu como encantou-se e acabou ficando na região. Sua vida confunde-se com o próprio Museu Arqueológico de Xingó (MAX), ela lembra que quando chegou na região

o MAX não existia, era apenas uma exposição no Ecomuseu, o qual encontrava-se localizado dentro do Xingó Apart-Hotel

O museu apareceria nos dizeres de Maria “como uma forma que a CHESF tinha de mitigar os danos provocados ao meio ambiente e a essas comunidades”. Entretanto algum tempo depois Maria participa de uma seleção para bolsista do MAX, começa posteriormente a tirar as folgas do coordenador de exposição e eis que vem o inesperado convite, a garota pobre, nascida no bairro operário de Estancia-SE, torna-se a nova coordenadora de exposição do MAX, apesar de toda sua luta ela afirma que não esperava pois

Porque às vezes a gente consegue embutir a nossa fraqueza, a nossa inferioridade de tanto ouvir que você não é capaz, que não é possível, que você não é a pessoa, que você não tem perfil e aí no final de 2006 eu assumi a coordenação, eu tô no MAX há 17 anos, comecei como bolsista, coordeno a exposição, sou apaixonada pelo Sertão eu sempre achei que fosse sertaneja, é tanto que eu tive um filho com sertanejo (risos), para não perder o vínculo. Aqui no São Francisco tinha convicção do sangue que corre nas veias dos sertanejos, é lindo isso aqui, quente feito o cabrunco, quentes feitos os infernos que eu não conheço, mas é apaixonante, não tem como você dizer assim, o que que me faz chegar ao sertão? É o sertanejo, é a caatinga, é a resistência, é a persistência, é o São Francisco.

Instalada já na região de Canindé-SE, mas sempre com um pé em Estância-SE, Maria de Lourdes inicia o Mestrado também na UFS, era um programa associado a um projeto específico em Xingó (Usina Hidrelétrica da CHESF) ela gostava da parte física da Geografia, então enveredou nos estudos arqueológicos pré-históricos, debruçou-se sobre os materiais lítico-lascados

eu fui para a linha de pesquisa em arqueologia pré-histórica, eu realmente fui para além, fui para 9000 anos e aí eu consegui entender realmente que não tem como desconectar tempo e espaço. Eu analisei em torno de 1100 artefatos rochosos, que pra a arqueologia chamamos de lítico, destes 1100 eu tirei uma amostra de 78 artefatos, peças que eu provei técnica e tecnologicamente que são instrumentos lascados por esses grupos pré-históricos com funções diversas e que havia toda uma cadeia produtiva, que eles não elaboravam aleatoriamente...

Maria vê o MAX como uma escola não formal, de acordo com ela “uma casa que permite a gente criar caminhos, esses caminhos dos vários tempos”. Atualmente Maria coordena três exposições, são elas: A exposição permanente; a exposição especial de curta duração que não é necessariamente sobre arqueologia, mas que aborda questões sobre o cotidiano, região e história local; a exposição itinerante que nos dizeres de Maria

de Lourdes caminha e busca escolas, outras comunidades e outros municípios. A ideia do MAX conforme sua Coordenadora de exposição é fortalecer vínculos, pois para ela “nem todos conhecem sobre a pré-história sergipana” daí a necessidade, conforme Maria, do MAX aliar-se a projetos que podem colaborar com a arqueologia, com o fortalecimento da identidade, dessa forma parcerias foram estruturadas, prefeituras como as de Paulo Afonso-BA, Piranhas-AL e Canindé-SE, ideia é receber estudantes de vários lugares e assim conclui Maria “fomentar o conhecimento que passa pela arqueologia do nosso Nordeste”.

É com uma perspectiva integradora e com vistas a aproximação com comunidades próximas, como mostramos no parágrafo anterior, que os caminhos de Maria de Lourdes, do MAX e do Assentamento Florestan Fernandes se cruzam, sobre este entrelaçamento falaremos no tópico seguinte.

OS OBJETOS DE ANÁLISE SE ENCONTRAM, MARIA DE LOURDES, MAX E FLORESTAN FERNANDES

Nossa arqueóloga, professora e coordenadora de exposição do MAX, a senhora Maria de Lourdes, age na comunidade de trabalhadores sem-terra a Florestan Fernandes, como representante do Museu Arqueológico de Xingó um órgão da reitoria, reitoria de extensão da Universidade Federal de Sergipe e na região age, apesar das dificuldades, promovendo política institucional com vistas a integração do povo canedeense e nordestino à causa arqueológica.

A relação Max e o assentamento Florestan Fernandes, tem início com a exposição especial ou de curta duração, Canindé Primitivo, pensada pela arqueóloga parceira do museu a Lira, vejamos o relato de Maria de Lourdes

Então Lira, quando ela propõe a criação da exposição Canindé primitivo, eles já estavam incluídos nesse projeto. E aí ela falou que eles tinham essa proposta desse, desse turismo de base Comunitária e que, que haveria produção desse livro e nós montamos uma feira cultural durante a Primavera de museus, que aconteceu em setembro, esses meninos levaram os seus artesanatos e nós fizemos o lançamento do livro dentro da exposição do MAX, durante a visitação normal, durante a Primavera de museus. Então o que que nós percebemos, o que mais poderíamos fazer? Que essas pessoas tivessem um cenário maior para se apresentar, um teatro maior para se apresentar. Então as pessoas que visitavam a exposição, viam os meninos declamando os poemas, viam nos trabalhos de artesanato que eles produziram aqui e foram vendidos na feirinha lá.

A parceria mencionada está aos poucos sendo ampliada, o MAX, personificado aqui no nosso trabalho pela Maria de Lourdes tem levado grupos para que possam realizar as trilhas ecológicas, que tanta atenção nossa despertaram, aquelas mesmas citadas no começo desse trabalho amigos leitores, as estruturadas pelos habitantes da comunidade em parceria com o SEBRAE. Os moradores do assentamento se mobilizam para receber os visitantes trilheiros, lanches são oferecidos, ao custo de dez reais por pessoa. Pudemos degustar dessas maravilhas da culinária sertaneja, foram nos servidos, deliciosos bolos de macaxeira, ovos, leite, além de um refrescante suco de capim-santo com limão, o qual desceu muito bem naquela tarde ensolarada e do verão nordestino, estes pesquisadores que vos escrevem, ficaram ansiosos pelo lá citado bolo de palma, mas este ficará para uma próxima oportunidade, que esperamos não tardar.

No assentamento Florestan Fernandes não há além de água, que como já dissemos só chega raramente nas torneiras dos moradores, internet, consiste numa área embrenhada na caatinga do sertão sergipano, contudo eles não nos mostraram sentir falta, no entanto a senhora Maria de Lourdes vê a necessidade de integrá-los ao mundo de fora da comunidade:

então eles foram visitar o Museu e estão com outra proposta de levar o resto da comunidade até a exposição, para eles terem uma dimensão desse mundo, você viu que eles não tem internet, que eles não têm aqui Uber (risos) mas ele sabe que o Mundo existe e nós que temos talvez essas informações, essa globalização que a nós chegou, nós temos que oferecer e mostrar esses caminhos e aí é quando eu digo que que o MAX é apaixonante, que a arqueologia é apaixonante, que a geografia é ainda mais apaixonante, que esses caminhos precisam ser fortalecidos e eu penso que o MAX é uma instituição que tem o principal, que é realmente criar esses caminhos, mas não adianta a gente receber dez, vinte, trinta mil pessoas anualmente, o segundo Museu do estado e não sairmos de lá, para que as pessoas que não podem chegar até lá saibam que ele existe de nós fazemos isso.

No entanto, além de todas essas ações citadas, ao nosso ver a mais interessante e integradora se faz a partir da Exposição Canindé Primitivo, veja abaixo uma foto feita dela, faz-se mister para que compreendam a dimensão do projeto.

Figura 2. Exposição especial Canindé Primitivo, ressignificação da produção dos mestres da Pré-História



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Os artigos líticos e as pinturas rupestres, que podem até hoje serem contempladas no maravilhoso Vale dos mestres, entre Canindé-SE e Paulo Afonso-BA, enfim, artigos produzidos pelos homens de um passado distante, aqueles que viveram na região há dez mil anos atrás, serviram de inspiração conforme as imagens, para que artesãos locais, incluindo os do assentamento Florestan Fernandes ressignifiquem tais vestígios de forma a comercializá-los na loja do Museu, bem como no centro de artesanato local.

Trata-se como vimos de uma ideia maravilhosa, pois gera emprego e renda, são confeccionados bolsas, porta-itens, artigos de decoração, brincos, adornos, ou seja, uma infinidade de utensílios que ligam o Canindé Primitivo aos Canindé dos dias de atuais. Vale destacar ainda a oportunidade dada aos artesãos para que possam saber primeiro quem eles são, possam conhecer os trabalhos dos seus pares da Pré-História local e dessa

forma os sentimentos de pertencimento, identidade se fortalecem, além de possibilitar o desenvolvimento da consciência com vistas à preservação e conservação do patrimônio histórico, arqueológico e cultural, não só por parte destes artesãos e seus familiares de alguma forma envolvidos, mas também do Ministério Público Federal, IPHAN e outros órgãos. Vejamos o que Maria de Lourdes nos fala sobre tal projeto

Eles foram apresentados a essa proposta, eles aprenderam, eles entenderam e eles perceberam que algumas coisas que podem ser relidas, reinventadas, revistas, resignificadas. Então, nós temos a parte que é quem resignifica? Somos nós, você que nasceu em Estância, que tem Porto da folha, que trabalha Aracaju, que anda por Sergipe inteiro, o carioca que vir para cá e percebe que aqui pode não chover, mas as pessoas que sobrevivem vivem, fazem história. O pesquisador que compreende de forma ampla essa ocupação, que entende que a Geografia, que a matemática, que a física, que as artes podem ser vistas no Museu de Arqueologia de Xingó. Que o Museu é didático, que a arqueologia é multi, e principalmente é fazer com que nós tenhamos a convicção que somos gente, que todas as pessoas precisam ser respeitadas, entendidas, replicadas, copiadas através dos seus artefatos, das suas linguagens, então o Canindé primitivo tem essa intenção. É o que disse no início, é vivenciar, tempos diferentes, na mesma paisagem geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que agora se encerra, foi fruto de 4 meses de debates, estes conduzidos pelos Professores da Universidade Federal de Sergipe, Prof. Dr. Paulo Heimar e o Prof. Dr. Joaquim Tavares, integrantes do Mestrado Profissional em História da UFS, programa que somos discentes. Ao longo desse período entramos em contato com textos de notáveis pensadores que aqui não foram esquecidos, os quais nos deram um sólido arcabouço teórico-metodológico.

A partir daí, fomos à campo e tivemos a felicidade de conhecer o Assentamento Florestan Fernandes, bem como a honra de entrevistar a senhora Maria de Lourdes, que com sua oratória, nos ofereceu (aqui tomo a liberdade de o inserir, amigo leitor!) além de lições de vida, informações ricas acerca do Assentamento, da região, da arqueologia, assim como do Museu Arqueológico de Xingó, instituição cuja existência confunde-se com a da nossa entrevistada.

Apesar de todas as suas conquistas, aquela outrora garotinha estanciana, proveniente de um bairro operário e infância humilde, hoje uma senhora, a Maria de Lourdes, conserva a simplicidade e a humildade de seus familiares, características herdadas certamente de sua querida Vóvira e potencializadas a partir do convívio longilíneo com o sertanejo. Venceu na vida, porém não parou de sonhar, nos

testemunhou seu desejo de fazer Doutorado, mostra-se incansável, resistente e acima de tudo forte, como os homens e mulheres que habitam o Assentamento Florestan Fernandes. É visivelmente dotada de uma positividade, uma alegria, em outros, por nós poucas vezes vistas.

Diante do exposto podemos ver que Paul Thompson estava correto ao considerar a História Oral como um instrumento de admissão de heróis, não reis ou grandes líderes, mas pessoas como a nossa entrevistada ou até mesmo quaisquer um de nós ou dos assentados do Florestan. Somos agentes históricos, estamos inseridos em seu contexto, através da História Oral vemos que nossas vidas têm muito a dizer, muito a ensinar, ela é sem dúvida uma importante ferramenta a ser usada em sala de aula, não somente na academia, mas também na educação básica, pois suas lições são múltiplas. Uma dessas é contribuir para o fortalecimento dos sentimentos de identidade e pertencimento do educando, fazendo assim com que eles percebam que a História é integrante de sua própria vida.

Por fim, acreditamos que esse trabalho contribuirá para que neste momento difícil pelo qual nosso país passa, o amistosíssimo leitor, possa ter um melhor entendimento sobre a realidade dos assentados, possa compreender a luta de sertanejos pela sobrevivência, assim como a de Marias de Lourdes Brasil à fora, homens e mulheres cujas grandes trajetórias podem ser reveladas através da História Oral.

REFERÊNCIAS

1. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
2. NORA, Pierre. *Entre memória e história, a problemática dos lugares*. São Paulo: Projeto História, 1993.
3. POLLAK, Michel. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1993.
4. SOUTO, Paulo Heimar. “É como se tivesse a roça e faltasse a enxada”: formação em serviço de professores de história em áreas interioranas. Macapá: EdUNIFAP, 2015
5. THOMPSON, Paul. *A voz do Passado*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.